

Os velhos cinemas de Porto Alegre

Cláudio Todeschini

Mal haviam transcorrido dois anos de sua estréia no Boulevard des Capucines, na Paris de 28 de dezembro de 1895, e o recém-inventado Cinematógrafo Lumière era apresentado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, como atração de uma companhia de variedades, alegrando e estarrecendo os cidadãos da pacata capital.

Das “tomadas de vistas animadas”, essa fora a melhor, no consenso unânime dos que já haviam visto outras, propiciadas por aparelhos menos dotados, como o trazido por Francisco de Paula e que ofereceu função, a 4 de novembro de 1896, na Rua dos Andradas n. 349, defronte à Praça da Alfândega ou pouco adiante. Ou o que George Renouveau apresentou, quatro dias depois, no prédio n. 230 da mesma rua, onde fora a Farmácia Jouvin, preconizando a futura Cinelândia da cidade em que duas décadas mais tarde se transformaria aquele trecho da Rua da Praia.

Foi alguns anos depois que o cinematógrafo deixara de ser mera atração de feira ou de cafês-concerto que Porto Alegre teve seu primeiro cinema: o Recreio Ideal. E, é claro, na Rua da Praia, defronte à Praça da Alfândega. Cronistas dizem ter sido na área onde se encontra o Cine Imperial. Quase, portanto, no mesmo sítio, senão no mesmo, onde os pioneiros açorianos erigiram o primeiro templo da cidade: a Capela de São Francisco de Assis.

Pouco depois, quase na esquina da Rua da Praia com a Paissandu (atual Caldas Júnior) surgiu o Smart Salão, com programas de filmes selecionados.

Civilização

O crescimento da Cinelândia foi rápido. Em 1912, além dos citados, lá estava o Variedades (em cujo prédio, nove anos depois, se estabeleceria o Cine Central) e o Odeon (no trecho da Andradas que seria aberto para dar passagem à Av. Borges de Medeiros), o qual, encerradas as sessões normais, exibia, após as 11 horas da noite, filmes “fortes” ou “livres”, do gênero “só para homens”, provavelmente com “nus artísticos” e “temas científicos”.

No Caminho Novo (Rua Voluntários da Pátria) também já funcionava o Cine-Teatro Coliseu, que fora o Teatro Polytheama; na Rua da Margem (hoje João Alfredo), o Nollet, e no Bairro São João, o Democrata.

Nos anos seguintes, abriram o Íris, onde está a Casa Sloper, com saída para a Rua do Comércio (atual Uruguai) e sem tela (a projeção era feita na pintura branca da parede); o República, na Rua Sete de Setembro, quase na

esquina da Rua Gen. Canabarro, no prédio que, logo após, serviria como garagem para os veículos dos oficiais da Brigada Militar; e o primeiro Avenida (de pouca duração), situado na Rua Gen. Câmara, na quadra entre a Andradas e a Sete de Setembro, ao lado da extinta Confeitaria Colombo.

Nessa época começou a funcionar o Cine-Teatro Guarani, com seu belo prédio, hoje “restaurado”, cujo nome foi escolhido por concurso popular através das páginas do *Correio do Povo*.

Por volta de 1915, surgia o Cine-Teatro Apolo, gigante de 4.000 poltronas, desaparecido no início da década de 50 para serem construídos em seu terreno o Edifício Santa Tecla e a alterosa garagem que lhe é fronteira. Logo em seguida, o Cine-Teatro Carlos Gomes, ampla casa, na Rua Vigário José Inácio (antiga do Rosário), até hoje em funcionamento.

Porto Alegre crescera e ostentava ar civilizado de razoável refinamento. Artistas ilustres, virtuosas orquestras, corpos de baile, companhias de teatro, de ópera, de operetas de renome aqui aportavam — muitas vezes de passagem para Buenos Aires — para concorridas apresentações, face às quais o veterano Teatro São Pedro era insuficiente. Surgem, então, o novo Coliseu (no mesmo local do primeiro), outro gigante, com cerca de 3 mil lugares, o Talia, o Orion, e o Orfeu, todos cine-teatros.

Templos de ilusão

Nesse ínterim, fora criada Hollywood, logo a “Meca do Cinema”, nela se organizando em gigantescos termos industriais a produção e distribuição de filmes, surgindo o *star system*, cujos astros e estrelas seduziram as platéias do mundo inteiro.

Porto Alegre, como as demais cidades, sofreu imediato impacto dessa nova força. As salas de projeção erigiram-se em templos organizados de sonhos, ilusões e idolatrias. Mesmo mudo, o Cinema já envolvia intensamente a vida social do planeta, influenciando psicológica e intelectualmente, impondo modas, modificando hábitos e costumes.

Os cinemas multiplicavam-se e polarizavam a vida social do porto-alegrense. A cidade palpitava nas salas de espera, em animado e esfusante gregarismo, na confraternização tácita dos freqüentadores. Nas palestras entusiasmadas estabeleceram-se namoros e iniciaram-se casamentos. Os janotas — de cabelos frizados no melhor



Museu Hipólito da Costa/Adriano Ely

No início da década de 40 o Central (1 mil lugares) era um dos cinemas mais freqüentados de Porto Alegre.

estilo Rodolfo Valentino — disputavam com arrogância os corações femininos.

Na década de 20 surgiram o Palácio, o Central, o Avenida (na Av. João Pessoa, esquina com Venâncio Aires), o Garibaldi (hoje ABC), o Navegantes, o Baltimore, o Rio Branco (1929). Nos anos 30 aparecem o Colombo, o Capitólio, o Ipiranga, o Rosário, o Petrópolis. O número de salas de projeção chegaria a 29 em 1935.

O cinema falado chegou a Porto Alegre dois anos depois de *O Cantor de Jazz*. Estreou no Central, nas sessões de 8 de outubro de 1929, com o filme *Broadway Melody*, encontrando os espectadores conformados com a inovação — já aceita por outros centros. Aos *talkies* foram-se adaptando os velhos cinemas, enquanto apareciam os novos: o Imperial, em 1931; o Roxy (mais tarde Ópera, ex-

tinto na década de 70), em 1938; o Vera Cruz (atual Victoria), em 1940 — alguns dos que mais evidenciaram o triunfo comercial de Hollywood sobre os concorrentes europeus.

Declínio

A freqüência às salas de projeção era hábito incorporado à vida do porto-alegrense. O fastígio do Cinema reinou absoluto por mais de 40 anos. Sofreu o primeiro golpe no início da década de 60, quando as grandes companhias de Hollywood começaram a decair, algumas a fechar, enquanto os estúdios da poderosa R K O Radio convertiam-se exclusivamente em produtores de telefilmes. A consequência imediata à queda na realização de filmes foi a fusão dos sistemas distribuidores, quase todos de ma-

Os velhos cinemas de Porto Alegre

Cláudio Torres

Museu Hipólito da Costa/Adriano Ely



Transformado em salão de bailes, o antigo Cinema Castelo não exhibe mais seus saudosos programas duplos.

trizes norte-americanas. A implantação da televisão colorida, no início dos anos 70, desferiu impacto redobrado, auxiliada, muitas vezes, pela falta de perspectiva dos exibidores.

O cinemascopo, o som estereofônico, a tela côncava e outros aperfeiçoamentos apuraram os golpes com galhardia, mas as transformações impostas pela popularização do automóvel, o congestionamento do centro da cidade, a especulação imobiliária e o crescimento do sistema bancário, que varreu da Rua da Praia os cafés e confeitarias, foram eliminando uma a uma as casas exibidoras da antiga Cinelândia, só restando o velho Imperial e os novos Caciقة e seu filhote, o Scala.

Nos bairros, muitos cinemas deram lugar a supermercados, postos de gasolina e garagens — como é o caso recente do veterano Talia, hoje estacionamento a céu aber-

to em plena Av. Presidente Roosevelt (antiga Eduardo).

A despeito de novas ameaças — como acontece ao Avenida — revigoram-se as esperanças. Houve amadurecimento do Cinema e dos espectadores. Se o sistema de vida atual dificulta a freqüência às casas exibidoras, há a compensação de nelas haver maior procura de conscientização, de aprimoramento intelectual e estético, com acentuada tendência à proliferação dos cinemas de arte e das pequenas salas disseminadas.

Texto de abertura da exposição fotográfica "Os Velhos Cinemas da Capital", realizada em Porto Alegre (abril) pelo Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.